

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

CINTIA RODRIGUES PINTO ALVES

**PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
FLEXIONANDO A CONSTRUÇÃO DO PRESENTE**

Rio de Janeiro

2012

CINTIA RODRIGUES PINTO ALVES

**PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
FLEXIONANDO A CONSTRUÇÃO DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADORA: Profa. Me. Janaína Condessa.

Rio de Janeiro

2012

Al87p Alves, Cintia Rodrigues Pinto

Planejamento na educação infantil: Flexionando a construção do presente / Cintia Rodrigues Pinto Alves. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
34 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Me. Janaína Condessa

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Planejamento.
5. Concepções de planejamento. 6. Funções do Planejamento. 7. Flexibilidade.
I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

CINTIA RODRIGUES PINTO ALVES

**PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
FLEXIONANDO A CONSTRUÇÃO DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Me. Janaína Condessa
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

CINTIA RODRIGUES PINTO ALVES

Dedico esta monografia ao meu filho, Leonardo, e ao meu esposo, Ivan, que me permitiram desfrutar dessa caminhada com energia e pensamentos positivos e que, diante de muitas batalhas, me ajudaram a vencer tudo que me impedia de ganhar. No final, cantamos o hino da vitória.

A minha mãe, Angerli, que me deu a vida e me possibilitou vivê-la cada segundo sem desperdiçá-la. Com muita intensidade e segurança por minha escolha, sempre me ensinou que a vitória somente chega para os merecedores e, digo agora com muita fé: chegou a minha vez! Dedico-te, mãe, essa também é a sua vitória.

Ao meu pai, Ceonites e meus irmãos, que me vêem como exemplo da família e os quais amo muito. Dedico pela força que me deram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu meritíssimo Deus, que não me abandonou em nenhum segundo, que me mostrou que tudo é possível e que sempre guiará os meus passos para o caminho do entendimento, pois nenhum obstáculo é grande demais quando confiamos nele. Ainda mais quando Deus utiliza as suas ferramentas para mostrar a estrada da sabedoria.

A minha família que é a base de tudo, que representa a minha força diante dos obstáculos, pois é aonde me sentia acolhida perante às dificuldades.

Durante toda a minha vida, muitas pessoas passaram por mim, dia após dia, mas somente algumas dessas pessoas ficarão para sempre em minha memória. Essas pessoas são as ditas amigas e as levarei para sempre em meu coração. Às minhas amigas, Gisele Pereira de Souza e Cleide Fernandes da Silva, as quais me deram forças, diante dos desesperos, das angústias, do medo, das decepções, que me fizeram pensar na desistência. Quando os meus olhos cegavam e me via perdida no meu próprio caminhar, elas me guiavam até a conquista do sonho realizado.

Aos amigos, que sempre estarão em minhas lembranças, pelos momentos ruins e bons que vivi nessa caminhada. Pois, amigos não são aqueles que estão apenas junto um do outro, mas, aqueles que, mesmo distantes, permanecem em nossos pensamentos.

A todos os professores e, principalmente, às professoras Madalena Freire e Janaína Condessa, com as quais aprendi que os desafios não existem para se correr deles, mas para enfrentá-los. As aulas do ISEPS me trouxeram crescimentos ricos e poderosos, que mudaram o meu rumo para a construção em todas as áreas da minha vida e, principalmente, me mostraram as grandes ferramentas e como usá-los em sala de aula.

À minha orientadora, Janaína Condessa, que abriu um leque de conhecimentos sobre o planejamento e que me desafiou a pensar sobre o assunto; foi produtivo e bem satisfatório. Levarei em minha bagagem a forma de planejar com a intencionalidade, de como estruturar trabalhos com coerência e clareza e como construir um novo olhar perante a Educação Infantil.

A todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha conquista. MUITÍSSIMO OBRIGADA!

*"Daqui a cem anos, não importará o tipo de carro que
dirigi, o tipo de casa em que morei, quanto tinha
depositado no banco, nem que roupas vesti.
Mas o mundo pode ser um pouco melhor porque eu fui
importante na vida dos meus alunos".*

(Anônimo)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a importância do planejamento na prática pedagógica como facilitador do ensino, defendendo que o planejamento flexível é mais produtivo, caloroso e traz grandes significados na vida dos alunos, assim como do educador, que pesquisa e caminha junto ao grupo. No entanto, para que os educadores tomem consciência sobre a importância da busca do conhecimento junto às crianças, é preciso que revejam o seu planejamento, se este está realmente entrelaçado com os interesses das mesmas. Para melhor compreensão sobre o que os professores atuantes na educação infantil pensam sobre o planejamento, elaborei um questionário, respondido por duas professoras. Uma da rede privada e uma da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, RJ. Os dados mostram dois mundos contrastantes: um em que a educadora está aberta para a flexibilidade de entender que o seu papel é de um mediador das crianças ativas; e o outro, em que a educadora se compromete somente com que está “no papel”, não possibilitando aberturas em sua rotina. Espero que os dados nos façam refletir como educadores, no sentido de desenvolvermos um planejamento mais intencional e de qualidade, aonde as crianças possam articular e explorar o mundo real.

Palavras-chave: Educação infantil. Planejamento. Concepções sobre planejamento. Funções do Planejamento. Interesse e Flexibilidade no Planejar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
1.1 Função de planejar: concepção humana do professor	17
1.2 Flexionando o olhar	18
1.3 Interesses em foco	18
2 PLANEJAMENTO: EM BUSCA DO PRESENTE	20
3 ANÁLISE SOBRE O PLANEJAMENTO: O QUE AS PROFESSORAS PENSAM?	23
3.1 Sobre o planejamento	23
3.2 O que pensam sobre a sua função?	24
3.3 O que pensam sobre o interesse?	27
3.4 O que pensam sobre a flexibilidade?	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Certo dia, resolvemos sentar no pátio, para a hora da saída, quando o Caio avistou um galo e um pintinho pulando o muro da creche. E ficou perguntando: Quem é aquele bicho? Porque ele tem aquela coroa de rei e porque ele é grande e o outro é pequenininho? Ele pode ficar aqui na creche? Fui respondendo na medida do possível e acabou sendo assunto para o outro dia. Na manhã de terça-feira, peguei o galo que fez muito barulho e levei para a sala. Todos disseram “É o galo”, porque tinha dito no dia anterior, e todos colocaram as mãos no galo. Foi tanta correria na sala que acabei levando-o para o quintal. E perguntei: “o que vimos?”, “Um galo”, e fui registrando; “quantos pés ele tem?”, “Dois”.

Coloquei outras figuras de animais que já conheciam e começaram ver a diferença entre o gato, que tem quatro patas, e o galo, dois, etc. E o Rhyan perguntou: “onde ele mora? Ele tem mãe?” Respondi: “Sim, ele mora no galinheiro. Vamos lá ver!” E fomos para o quintal.

O muro da creche é cheio de buracos e dava para visualizar o galinheiro e observamos. Todos ficaram admirados. A vizinha, ao notar a nossa presença, abriu o galinheiro e saiu com um monte de pintinhos e as crianças falaram: “olha os filhos dele! A mãe, a vó... .” E o Thiago disse: “os filhos são amarelos, da cor do sol” e o Matheus acrescentou: “são da cor da banana”.

A vizinha, Dona Júlia, pegou os ovos que tinham acabado de ser chocados e mostrou. Eles não entenderam nada e pensaram que era a comida dos pintinhos. Expliquei que a mãe deles é a galinha, que coloca ovo, e o ovo se quebra e nascem os pintinhos que ficam amarelos e depois mudam de cor. Quando crescem viram galo ou galinha. Nós nascemos da barriga da mãe, que é no formato de uma bola e a galinha coloca bolas que são ovos, de onde nascem os pintinhos. E Ana Beatriz disse “É igual à bola que como na minha casa”. “A bola que você come na sua casa é o ovo que sai da galinha, só que pegamos, assim que ela coloca o ovo e colocamos na panela, antes de se tornar pintinho”.

E voltamos para sala. O que vimos? O galinheiro, a família do galo, da coroa de rei, os pintinhos amarelos e pequenininhos, a mãe e a avó dos pintinhos. E mais? O ovo, que nasce da galinha e que nós podemos comer. Fui

registrando no papel pardo e pedi para que desenhassem o que mais gostaram de ter visto. Penduramos na sala o que mais gostamos.

Esse foi um dos trabalhos que nasceu da prática, da importância que se dá ao que a criança tem de curiosidade, sem perder a chance do planejamento se tornar produtivo, enriquecido do que nasce dos próprios educandos. Isso faz com que a educação infantil se torne um trabalho de valor, que seja um desdobramento da vida das crianças pequenas, abrindo um leque de conhecimentos dali mesmo. É preciso que o professor seja o pesquisador dos alunos, esperando a vez de se colocar nessa pesquisa, que só depende do trabalho de construção, de ir além do educador e do educando, através da troca, do intervir e do criar esquemas para o entender.

A partir dessa experiência viva, que tive com meus alunos, as crianças descobriram o que a galinha come e o que nós comemos: frango e ovo, vindo dela. Pode-se ter o galinheiro em casa, ou seja, se é animal doméstico ou não. Elas se lembraram do leão que mora na selva e de outros. E com esse levantamento, fizemos um bolo, porque a Ana Beatriz disse que sua mãe faz bolo com ovos e resolvemos fazer o bolo. Pedimos à mãe de Ana para escrever a receita e assim foi feito: escrevemos a receita através de símbolos, fixamos na parede, e começamos a trabalhar: colocamos, literalmente, “as mãos na massa”. Foi bem divertido.

Trabalhamos os conceitos matemáticos, associações, descobertas, curiosidades, intervenções e outros conteúdos que estiveram presentes. Para essa atividade, foi preciso abordar o que estávamos trabalhando, partindo da curiosidade delas, colocando os conteúdos e direcionando-os ao que lhes chamara a atenção. Também partimos para outros assuntos gerados na sala dando-se o fio condutor, para que o planejamento não perdesse o sentido.

Eu, como professora, fiz um levantamento das hipóteses, um encadeamento do tema gerador. A partir disso, construí as justificativas, objetivos e o porquê de realizar essa pesquisa com elas. Algumas etapas previstas foram modificadas, pelos interesses gerados. Separamos recursos e materiais necessários e, por fim, a proposta de finalização e fontes de pesquisa, ou seja, consultas sobre o tema levantado.

Desenvolver um processo de ensinar e aprender na construção concretiza-se em um planejamento flexível, consistente, participativo e

dialético, onde estará a troca necessária do aprendiz e professor.

A necessidade de se estudar a relação do professor com o uso do seu instrumento de trabalho, com coerência, me fez rever, como professora, a importância do planejamento, que é um dos principais instrumentos que o educador da pré-escola dispõe para garantir, com segurança, o desenvolvimento de uma ação pedagógica junto às crianças. Pude perceber como algumas educadoras que desfazem essa importância em suas salas, fazendo-me despertar o rumo dessa pesquisa: encontrar o porquê desse descaso. O que levaria a nossa educação infantil ao fracasso do planejamento, sem troca e sem um sentido verdadeiro para as crianças, de modo que elas compreendam a finalidade do que estão realizando em sala? Será que não sabem o que significa planejar ou não há uma formação docente?

Em minha formação no ISEPS, percebo que muitos dos meus colegas possuem perguntas e têm algumas dificuldades de planejar. Por mais que tenhamos bagagem teórica entrelaçada com a prática, ainda encontramos algumas barreiras para planejar com total satisfação, sobre o que realmente queremos realizar em sala. E são essas barreiras que encontramos no meio de muitas situações, algo que nos compromete a pensar sobre essa necessidade de planejar com coerência. Nas observações sobre as dificuldades que tenho e temos acerca do planejar, destacam-se: como se estrutura um planejamento? Por que é tão importante o ato de planejar, na vida de professor? Como organizá-lo, se os objetivos que traçamos não dão conta da complexidade do processo? E como dar importância sobre o que desperta curiosidade na criança e como conduzi-la à compreensão do mundo? Um educador não pode agir inconscientemente sem planejar e sem refletir cada passo de sua ação. Se não, se tornará um educador acomodado, sem troca, sem produtividade no grupo, sem o enriquecimento da vontade de pesquisar algo do desejo de aprender dos alunos.

Podemos estar num pátio, na roda de conversas, porque o trabalho suscitou e não porque estava prevista. Nem sempre a intenção do adulto atinge a necessidade da criança. Mas quando o propósito é fazer encadeamentos, pode-se partir da intuição para formar pontes de saber com os pequenos.

A atividade que relatei no início dessa introdução partiu da curiosidade do educando que fez com que eu, educadora, manifestasse o desejo da ação,

o que tornou meu planejamento rico, produtivo e o mais importante: fez sentido para as crianças.

Esta monografia representa muito do que aprendi com a Madalena Freire, que me possibilitou o olhar para o grupo conduzindo grandes processos pedagógicos, onde comecei a viver intensamente a minha prática e possibilitar manifestações, inquietações e buscas. Com esta pesquisa, pretendo desenvolver reflexões calorosas que relevam a realidade das salas de aula da nossa educação infantil, não enfeitadas, mas marcadas com as mãos do professor e de suas crianças bem pequenas. Assim como olhar para todos os cantos e rever as atividades elaboradas por eles, sobre as quais o professor tenha o maior prazer de ouvir de seus alunos: “fomos nós que fizemos”. Mostrando assim, consciência do papel de ser educador infantil e de que planejar com garantia de intencionalidade educativa é respeitar as descobertas feitas pelos seus alunos e as relações que acabam estabelecendo, assim como as necessidades destas decisões para o encaminhamento da proposta.

Atuando na educação infantil e analisando a minha prática, compreendo que a prática educacional necessita ter reflexões importantes sobre o planejar, pois sem executar o planejamento e sem fazê-lo necessário não há possibilidade do desenvolvimento infantil, ainda mais quando se planeja sem intencionalidade de provocar os alunos a pensar. Através desta pesquisa, tenho como meta proporcionar uma boa demonstração de como se planejar com intencionalidade de flexibilizar e de como o interesse gerado na sala de aula acaba envolvendo a denominação da própria realidade de conhecimento em construção do grupo, ficando o educador consciente de que a educação básica tem como processo a construção de indivíduos pensantes.

Este trabalho acadêmico está organizado da seguinte maneira. O primeiro capítulo, intitulado “Planejamento na educação infantil” tem o objetivo de apresentar a literatura da área e como tem se pensado o planejamento na educação infantil. O segundo capítulo, “Planejamento: em busca do presente”, tem como meta apresentar para o leitor os caminhos metodológicos que levaram essa pesquisa a campo. O terceiro capítulo, nomeado “Análise sobre o planejamento: o que as professoras pensam?” demonstram as concepções de duas professoras atuantes na educação infantil: uma na rede privada e outra na rede pública municipal da cidade de Rio de Janeiro, RJ. Como objetivo

principal, destaquei o indispensável: planejar; e como essas professoras conduzem e utilizam essa ferramenta em sala. Através da análise desses dados, trouxe a contradição dessas duas práticas, o que encontramos em muitas salas de aula, não deixando respostas corretas para um bom planejamento, mas fazendo o leitor pensar em suas atitudes, em sua prática.

Portanto, a importância desta pesquisa está em sua capacidade de instigar os leitores a ter outras visões de planejamentos, no sentido de conduzi-los à compreensão e reflexão dos seus próprios trabalhos com o mundo infantil.

1 PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O planejamento é interpretado, muitas das vezes, como uma rotina, como uma questão fundamentalmente técnica que é preciso elaborar e que deve ser seguida corretamente, como receitas, sem alterações. Até mesmo, em algumas circunstâncias, é visto como um documento elaborado e guardado na gaveta à espera do pedido de alguém. Esses casos acontecem com muitos docentes, que acabam não correspondendo ao seu devido trabalho no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de seus alunos. O planejamento produtivo exige do educador em ação a sede de ver suas turmas aprendendo algo, compartilhando experiências, enxergando que o verdadeiro planejamento elaborado, construído com as bagagens dos seus alunos tem suas falas registradas, dando vez e voz para manifestarem curiosidades e emoções, interagindo e conquistando os objetivos alcançados. Segundo Machado (1997, p.103-104):

O desafio do compromisso de planejar significa transitar do discurso para a ação, articular o real, possível e o ideal, destruir as fantasias que cercam o mundo dos planejamentos e programas, gerar e gerir propostas capazes de dialogar com as práticas e as realidades, resgatar o sentido do planejar para a ação.

Pois, não existe um bom planejamento que não seja elaborado, planejado, percorrido, produzido e interagido entre educador e educando. Por mais dinâmico e criativo que o planejamento seja, ele não terá sentido se não for planejado, construído a partir das descobertas, questionamentos e curiosidades dos alunos.

O planejamento precisa ser reflexível, de modo que atenda as necessidades do grupo e o despertar dos alunos, em que ao planejar seja preciso correr riscos de mudanças, tomar decisões precisas em sala de aula, para poder ser uma manifestação do querer saber sobre algo ou do que o professor tenha trazido para a sala como conteúdo e assim gerar outros caminhos interligados sem perder o fio da meada. Embora o planejar seja todo dia, não podemos esquecer que são estruturados com os conteúdos, objetivos, estratégias, registros e avaliação. Portanto, a maior importância para o planejamento produtivo é o que os alunos manifestam em querer conhecer, ao

certo, o que desperta através do que eles trazem de curiosidades, desejos, medos, descobertas, através das atividades dirigidas ou espontâneas.

Conforme nos afirma Freire (2007, p.15), “quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seus conhecimentos”. É por isso que, em nosso cotidiano, devemos ter o movimento que possibilita fazer recortes e aprofundar temas não pensados, de ver nascer do grupo outras maneiras de se fazer. O professor observador está sempre atento ao que está sendo colocado e que poderá gerar acontecimentos que levarão a dialogar e construir conhecimentos sobre o mundo.

1.1 Função de planejar: concepção humana do professor

O planejamento é o principal instrumento de trabalho de um professor, tendo por base intervenção de si próprio, do que vai apresentar e como conduzir seus alunos ao novo. De acordo com Corsino (2009, p. 117), “planejar inclui escutar a criança para poder desenhar uma ação que amplie as suas possibilidades de produzir significados”. E isso se dá através da concepção democrática de educação, concepção de ensino em que o professor sabe ouvir, dar a vez da fala, a liberdade de expressão e representação dos desejos sobre aquilo que os alunos têm o desafio de conhecer. O professor que não segue essa concepção, não exerce corretamente a função que lhe é confiada: a de ensinar. Para Freire (2008, p. 55):

Na concepção democrática, educador e educando educam sua reflexão dentro do cotidiano, para assim transformá-lo. É mais que troca e vincular um aos outros, de saber a necessidade de cada um, para trabalhar de uma forma prazerosa e confiante e não da forma em que o professor tudo sabe e que o aluno nada compreende.

A caminhada é ter liberdade de dizer “não sei” e ter como ensinamento do próprio professor de dizer “não sei” e “vou pesquisar”, para que entendam o que estão trabalhando e que, na verdade, pode até ser novo para o educador. Nessa perspectiva, Hernandez (2000, p. 54) afirma que “o professor deve deixar o papel de transmissor de conteúdos para se transformar em um

pesquisador e o aluno por sua vez passa a ser o sujeito do processo ensino aprendizagem”.

1.2 Flexionando o olhar

O planejamento, por melhor que seja, não garante por si a aprendizagem, mas é um guia que organiza, que dá toda a fragmentação do caminho para articular as atividades. Portanto, é importante reconhecermos que o planejamento é flexível, que pode ser direcionado e mudado de acordo com a realidade da turma. Sobre isso, Freire (2008, p. 172) defende que "o educador trabalha sua flexibilidade planejando, podendo ser alterada quando necessário, desde que o educador saiba o que está flexionando”.

1.3 Interesses em foco

O desafio do educador é também conhecer o que planeja, sobre os conteúdos da matéria e os conteúdos do sujeito; esse é o seu estudo. Nessa perspectiva, o professor com a sua abertura para flexibilidade mostra a importância da criança em sua participação de se colocar no meio da elaboração das atividades, respeitando o que pensam juntas, o que criam de hipóteses e que levantam questões, caminhando sobre as necessidades e negociações com o grupo, ganhando novos contornos. Por isso, cabe a esse professor mediador, registrar as suas observações e fazer um levantamento dos interesses e hipóteses do grupo, assim como estar atento às curiosidades e necessidades desse grupo. Sobre isso, Corsino (2009, p. 107) explica que “o planejamento é o lugar de reflexão do professor, que, a partir de suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos e sequências de atividades, organiza o tempo e o espaço, seleciona e disponibiliza materiais, do que é importante estar atento aos interesses do grupo para que caminhem juntos”.

Primeiramente, o professor deve registrar o que foi gerado na sala de aula, através de suas intervenções, registrando as falas das crianças, para que, a partir desse direcionamento, ter como base seus rumos de pesquisa, o que na verdade levará o grupo ao novo. Após o levantamento de hipóteses, o

professor avaliará o que irá pesquisar, se isso tem como levá-los aos novos significados, dando a direção ao tema levantado pela própria turma e ao interesse demonstrado por eles. O professor estudará, antes, sobre o tema levantado, para que tenha segurança do que irá ensinar. Isso é pensar o planejamento no passado e no presente para a construção do futuro, conforme nos explica Freire (2008, p. 170): “o que precisam saber hoje ensinará amanhã, com isso acaba fazendo um pequeno levantamento da zona real, o quê os educandos já sabem? E instigar a zona proximal, o que ainda não sabem?”.

O professor tem que rever e analisar a sua turma, para poder fazer intervenções coerentes, no sentido de proporcionar desequilibrações em cima do que já conhecem para conhecer o novo através dos esquemas que já possuem para compreender. Sobre isso, Freire (2008, p. 170) afirma que “não basta desequilibrar, cabe ao professor instrumentalizar o reequilíbrio da nova hipótese do educando, como todo processo é cheio de idas e vindas, avanços e recuos”. Para melhor entendimento, o mediador é o que faz com que a criança estabeleça relações com o “novo”, ao conduzi-lo ao mundo, vai direcionando e interpretando suas ações e partilhando os seus significados. E vai lhe proporcionando novos desafios, para que haja possibilidades de ampliações de conhecimentos, de ir adiante à procura de novas experiências.

2 PLANEJAMENTO: EM BUSCA DO PRESENTE

“Estudos sobre o planejamento didático surgiram na década de 70 com as pesquisas na área sobre o pensamento dos professores” (MATEIRO; TÉO, 2003, p. 89). A partir dessa afirmação, podemos entender que o planejamento na educação infantil demorou em ser discutido e, conseqüentemente, torna-se bastante recente uma elaboração de pensamento mais reflexiva sobre ele. Até então, a creche era assistencialista, vista até como "depósito" de crianças para que os pais pudessem trabalhar. Além de servir como guardiã de crianças, era considerada um ambiente seguro para os responsáveis seguirem sua vida profissional tranquilamente. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função principal a segurança das crianças e, embora ainda encontremos esse direcionamento de somente “cuidar”, na maioria das creches, mudanças estão ocorrendo com profissionais nessa área, pois estão procurando ter mais dinamismo, para elaborar e compreender melhor as manifestações de seus alunos, acrescentando-os no seu planejamento. Além disso, esses profissionais também são pesquisadores de ações e improvisações para o processo de aprendizagem.

Na opinião de Garcia (1987, apud MATEIRO; TÉO, 2003, p. 90), “as pesquisas sobre o planejamento têm sido realizadas com mais frequência na área de matemática e nas primeiras séries do ensino fundamental”. Portanto, temos a confirmação de que ainda se encontra uma falta de interesse de gerar possibilidades de formação da criança a partir das relações sócio-históricoculturais no ensino básico, principalmente na educação infantil. O planejar em execução, a partir do que os pequenos manifestam em conhecer, muitas vezes, nem fazem parte de avaliações desse ensino, ficando essas pesquisas mais avaliativas para outras séries. A importância parece estar para o lado das obrigações e não para a mudança para uma educação melhor.

Diante desse contexto, achei necessário para esta pesquisa de campo, instigar o professor a repensar a sua prática: será que está indo pelo caminho correto ou ainda precisa se examinar?

Para haver mudanças precisas os professores da educação infantil não podem se confundir com a profissão de “babás”. Esta pesquisa não buscou respostas como “sim” ou “não”, mas teve como objetivo rever as ações dos

professores, a partir do seu planejamento; se estão sendo produtivas, coerentes e interessantes para a aprendizagem de seus alunos.

Ao resolver fazer essa pesquisa com professoras de diferentes instituições, pude rever a busca de caminhos diferenciados, uns apenas tendo uma obrigação para cumprir um planejamento e outros refazendo as suas histórias com as crianças, seguindo um processo de encorajamento de exploração de ideias e desejos de aprendentes e ensinantes rumo ao desconhecido. O instrumento que utilizei para essa pesquisa foi um questionário com perguntas, elaboradas para que fossem respondidas, na medida do possível, com total sinceridade sobre o ato de planejar:

1. Que função tem o planejamento para você?
2. Para quê e para quem o seu planejamento é elaborado?
3. Você flexibiliza o seu planejamento durante a aula? Explique como isso ocorre.
4. O seu planejamento está de acordo com o que as crianças se interessam? Por quê?
5. Quando o seu planejamento não dá certo, o que você faz?

Essas perguntas foram respondidas de forma escrita, sem que houvesse contato entre pesquisador e pesquisado. Dessa forma, nenhum dado estaria perdido, pois tudo estaria ali, documentado. Julguei fazer dessa forma, devido ao pouco tempo que tive para ir a campo, para coletar os dados e analisá-los.

Para obter dados de contextos diferenciados, responderam ao questionário: uma professora da rede privada de ensino e uma professora da rede pública municipal de ensino, ambas atuantes na cidade do Rio de Janeiro. A fim de proteger a identidade das professoras, escolhi para seus pseudônimos: Ana Alice (rede privada) e Paula (rede municipal).

Ao analisar a professora Ana Alice, percebi que ela mostrou, de fato, o seu encorajamento em não só “vestir a camisa” em ser uma professora que faz a diferença, como demonstrou a sua flexibilidade de planejar com o interesse das crianças, de ter essa dedicação de não “cumprir por cumprir”, mas cumprir e fazer total diferença em suas aprendizagens.

O professor que se dedica no que faz e que tem total interesse de se aprofundar, buscar, manifestar experiências, vai aprendendo a caracterizar os problemas para tomar decisões coerentes para superá-los junto com a turma. E

não ficar somente na intenção, na imaginação e na concepção; é preciso marcar a intencionalidade do processo educativo. Como nos diz Bassedas (1999, p. 112), “o planejamento é instrumento orientador do trabalho educador na imensa intencionalidade no processo de reflexão”.

Paula, da instituição pública, na verdade, fez o concurso e obteve aprovação para ser professora, mas não teve a prática exercida para rever esses conceitos de idas e vindas de aprendizados. Sobre o modo de fazer a relação de sua prática com os teóricos que a fundamentem, demonstrou como resultado o cumprimento da demanda da instituição: de cumprir a hora e tarefas a serem passadas, que não saem dessa massificação de atividade única sem aprofundamento. E, pude perceber como muitos professores estão sujeitos a isso, ou seja, de cumprir o que a instituição manda, ocorrendo a grande necessidade de mudanças, que precisam acontecer na prática em sala, assim como nas posturas dos professores, para que sejam pesquisadores de suas próprias ações e dos seus alunos.

A seguir, apresento os dados que obtive nesta pesquisa e sua análise, que, volto a afirmar, não trazem respostas como “sim” ou “não”; procuram rever as ações dos professores, trazendo reflexões críticas e construtivas para a área de pedagogia, especialmente na educação infantil.

3 ANÁLISE SOBRE O PLANEJAMENTO: O QUE AS PROFESSORAS PENSAM?

3.1 Sobre o planejamento

A partir da afirmação: “professor nenhum é dono de sua prática se não tiver em mãos a reflexão sobre a mesma. Não existe ato de reflexão, que não nos leve a constatações, dúvidas e descobertas e, portanto, que não nos leve a transformar algo em nós, nos outros e no mundo” (FREIRE, 2008, p.49). Ressalto a importância dessas palavras, que fizem que nós, professores, não somos donos do saber, apenas conduzimos da melhor forma, o que os alunos manifestam sobre o que acham interessante ou sobre aquilo que lhes causou curiosidade. E somos nós que levamos para o ponto de aprendizagem, fazemos as desequilibrações necessárias, para reinventar o que já sabem para construir conhecimentos de forma compatível ao modo e ao momento da criança de aprender por meio de conversas e registros. Nós não fazemos parte do “depósito” de informações, mas intervimos, direcionamos e fazemos com que o aluno faça parte da construção da resolução dos problemas, ampliando, criando hipóteses e se colocando sempre.

O planejamento é a ferramenta fundamental para que o professor possa se rever em sua prática, em constante reflexão, do que erra e do que acerta, para proporcionar experiência de aprendizagem de encorajamento de errar e rever o erro e trabalhar em cima do erro para encontrar o caminho para o acerto da elaboração da aprendizagem. O ideal é o movimento em que se expressam valores, caminhos e intenções interligadas à realidade, na elaboração do planejamento reflexível envolvendo momentos coletivos em que todas as crianças participem de uma mesma vivência e que possam ser levadas em consideração as necessidades das menores.

Percebemos que muitos professores se encontram no planejamento obrigatório, porque tem que fazer uma cópia e não por analisarem e entenderem que suas ações junto às crianças provocarão mudanças para aprendizagem do grupo. E isso não quer dizer que o professor não falha, não se desequilibra, pois, vimos que, quando isso ocorre, é porque o professor está

também aprendendo. Como nos afirma Perrenoud (2000, p. 32), "devemos ter claro que nem sempre conseguiremos atingir a todos os nossos alunos o tempo todo, mas temos que tentar chegar em cada um da melhor forma possível". Por outro lado, muitas vezes, nos deparamos até mesmo com contradições, pois, em nossas teorias, temos uma realidade perfeita, o que não ocorre, efetivamente, na prática.

É dessa forma que o professor na sala de aula precisa fazer e rever os seus conceitos do que se acha necessário trabalhar, pois é preciso ter professores que estejam comprometidos com a prática educacional, capazes de responder as demandas das crianças e refletindo a sua prática todos os dias, a cada passo seu com os educandos. E deve tornar-se também um aprendiz, refletindo constantemente sobre as ações dos seus alunos, buscando informações necessárias para que o trabalho se desenvolva e utilizando as ferramentas para esse desenvolvimento, no sentido de obter os instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática, que são: a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.

3.2 O que pensam sobre a sua função?

Para a professora Ana Alice, o planejamento tem várias funções, podendo começar como a função de organizar e coordenar a ação docente. Também diz que é um instrumento de reflexão acerca das ações da prática pedagógica, totalmente flexível, assim como nos afirma Freire (2008, p.171): "o ato de planejar exige do educador uma ação organizada. A organização é importante na ação pedagógica desde que o educador tenha consciência, controle do que está organizando e tendo as improvisações junto a ele". Para isso, terá que ter organizado seu planejamento.

Essas reflexões que a professora Ana Alice faz de sua prática, de como planejar e a afirmação de Madalena Freire deixam claro que o professor precisa organizar e sistematizar. Deve ter também a improvisação para que, se o planejado não der certo, tenha o imprevisto como determinado encaminhamento indispensável e não confundindo o imprevisto com o planejamento. O planejamento como instrumento de reflexão da prática se apresenta como uma ajuda ao pensamento estratégico, sendo recurso

necessário para elaboração das aulas e não se fechando nenhum caminho de alcance para a flexibilidade, pois o planejado somente pode se concretizar nas aulas.

Para a professora Ana Alice, a ação de planejar assegura a racionalização das ideias do professor, organiza seu trabalho, interrelaciona conteúdos (o que ensinar) aos objetivos (para que ensinar), os alunos (quem ensinar) e os métodos (como ensinar). O planejamento facilita a preparação das aulas, dos materiais a serem utilizados e serve também como uma atualização do professor em relação aos processos de sua turma e para a confecção das próximas atividades. Tendo como fundamentação a seguinte citação, novamente de Freire (2008, p.170), “o planejamento organiza, sistematiza, disciplina a liberdade individual e coletivamente. Ele dá os paradigmas para os exercícios da prática pedagógica”.

O educador faz com que o planejamento seja uma ferramenta de facilitação do seu trabalho, como que conteúdos irá ensinar e para que ensiná-los, o que se espera alcançar e que métodos irá seguir no ato de colocar na prática durante a troca contida no exercício de elaborar seu próprio plano de ação. Com isso, o ato de planejar é uma ajuda para ordenar e organizar um ensino de qualidade e não pode depender de improvisações ou do acaso, pois somente acontece como esperado, se tivermos claro o que queremos conseguir e o que queremos que consigam os alunos. No planejar, é preciso ter o trabalho intencional, tendo a reflexão sobre o que se pretende e como se faz e como avaliar o seu ensino e dos alunos no decorrer das atividades fazendo uma avaliação reflexiva do produto conquistado ou não para uma continuidade produtiva. Nesse sentido, Corsino (2009, p.115) defende “o trabalho e a função do professor que, em vez de ser alguém que reproduz ou adapta o que está nos livros didáticos e nos seus manuais, passa a ser um pesquisador do seu próprio trabalho”. O professor acaba se tornando alguém que também estará na busca de informações.

Para Ana Alice, o manejo do professor, em suas mudanças e intervenções em um planejamento é essencial para uma aula cativante e interessante para os seus alunos. Sobre isso, Freire (2008, p. 192) diz claramente que “a intervenção produz reflexão, pensamento, no sentido de perguntar de duvidar, de romper, tendo a direção de intervenções

alimentadoras e não castradoras é que é difícil”. O bom professor dá abertura para a construção e usa as intervenções para ampliações do que já sabem e aprendem através dos esquemas utilizados para aprender o novo.

Contrariamente ao que pensa a professora Ana Alice, para a professora Paula, o planejamento é o resultado de um processo de reflexão sobre o que se apresenta para a turma. Segundo esta, o planejamento, na verdade, envolve o cumprimento do trabalho e das observações do educador ao organizar o presente, com vistas aos objetivos das suas próprias ações e não às dos alunos.

É nessa concepção que está a obrigação de cumprir tarefa, da massificação de “trabalhinhos” prontos, corriqueiros, no sentido de dizer “estou aqui para dar informações e não para a divisão de conhecer e interagir”, no que deixa claro o tempo obrigatório com as crianças. Para Hernandez (1999, p. 82), “o aluno aprende melhor quando torna significativa a informação ou os conhecimentos que se apresentam na sala de aula”. Portanto, com essa afirmação, o planejamento não é feito pelo educador sozinho, na ação estática, mas devidamente com os educandos, o que irá trazer um movimento de troca, de idas e vindas no ato de reflexão, de desequilíbrio necessário para a aprendizagem do que se espera alcançar, o que iremos trabalhar amanhã, pois precisaremos saber hoje o que eles trazem, o que fica, o que precisam conhecer, quais curiosidades foram apontadas, no sentido do que está sendo oferecido em sala: o conteúdo da matéria e o conteúdo do sujeito.

O professor que cede a sua carreira para se tornar um “depositador”, podemos dizer que não conta com uma bagagem com frutos para compartilhar com o mundo infantil. Isso acaba empobrecendo o que daria grandes conhecimentos, pois, além de menosprezar a capacidade da criança de ir adiante dos conflitos, trazendo a “rotina rotineira”, não apresenta dificuldades para que as crianças possam (re)fazer sua leitura de mundo.

Muitas das vezes, entende-se o planejamento como uma rotina, como uma questão fundamentalmente técnica. Nesses casos, muitos docentes acabam não correspondendo ao seu devido trabalho, como papel fundamental no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

3.3 O que pensam sobre o interesse?

A professora Ana Alice costuma elaborar um planejamento de acordo com o tema que estiver trabalhando, que, por sua vez, é eleito pelas próprias crianças. Sendo assim, é difícil observar algum desinteresse por parte das crianças, conforme afirma a educadora. Porém, caso isso ocorra, Ana Alice defende que cabe ao professor trocar o tema, pois sem a atenção, interesse e curiosidade das crianças, não há aprendizagem. É interessante esse olhar para o interesse gerado em sala.

Nesse sentido, Corsino (2009, p.108) nos fundamenta "que é importante estar atento aos interesses do grupo, pois o tema é, preferencialmente, negociado com a turma. Se não houver interesse não tem realmente aprendido". Com essa afirmação, também defendo que o interesse das crianças é insubstituível para a manifestação de curiosidade e aprendizado, pois vimos como o planejamento está como base do interesse gerado, com certeza há um embasamento de um processo reflexivo e produtivo. Assim, o planejamento não representa uma obrigação, uma massificação da educação infantil, entregando-se à acomodação segundo uma concepção estática, mas, sim, avassaladora de resultados.

A professora Ana Alice explica que, quando há falta de interesse da parte dos alunos, é porque a atividade pode não estar de acordo com a faixa etária do grupo, e, quando isso ocorre, ela refaz todo planejamento e repensa a sua prática, assim como a do grupo. Nesse caso, o desejo em executar o planejamento não pode ser maior que o interesse das crianças. Freire (2008, p.170) afirma que "cabe ao educador instrumentalizar o reequilíbrio da nova hipótese do educando. Como todo processo, este também não é autônomo, é cheio de idas e vindas, avanços e recuos". O educador precisa realmente fazer essa reflexão, pensar em sua prática, sobre o que os alunos alcançaram, o que ainda não conseguiram alcançar e fazer levantamento de hipóteses; que caminhos precisa trilhar com seus alunos. O desejo do educador realmente não pode ser maior do que o de seus alunos, pois, com isso, o desejo será por si só e não uma construção do grupo, do desejo de conhecer o que o professor já conhece ou que o professor ainda precisa conhecer junto à turma. Portanto, o professor também é aprendiz, ele pesquisa, faz levantamentos, mas, mesmo

assim, na prática, ele está na construção também do seu aprender, no que precisa dar espaço para os alunos mostrarem o que tem além do interesse gerado e replanejando o seu planejamento.

A professora Paula diz que não planeja com o interesse gerado em sala, pois antes de realizá-los, as crianças manifestam necessidades e não interesses. Portanto, mudam a atenção constantemente e passam a observar outras coisas. Nesse sentido, afirma Corsino (2009, p.117) que “toda criança é sujeito ativo e nas suas interações está o tempo todo significando e recriando o mundo ao seu redor”. Por essa abertura, cabe ao professor ter esse olhar condutor e deixar que seus alunos formem o alicerce dos processos que são apresentados e o que eles apresentam querer conhecer. As ações das crianças são de extrema importância para tornar o trabalho um envolvimento coletivo, único, dando sentido às suas ações e agindo com elas na certeza e na confiança de suas capacidades.

De acordo com os dados apresentados, a pergunta que me gerou o maior desejo em saber foi o porquê desse afastamento do professor em sala, o que impede o profissional de planejar de acordo com o interesse dos seus alunos?

Portanto, a partir dos dados, pode-se afirmar que há uma grande necessidade de preparação de parte das educadoras, que não tem o interesse em ouvir os seus alunos. Nesse sentido, concordo com o que indica Machado (1997, p. 8):

O pedagógico não está na atividade em si, mas na postura do educador em que nessa direção não é a atividade em que deve ser em si ensinar, mas a construção do interagir, de trocar experiências e partilhar significados é o que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos.

Isso acontece, pois as educadoras ainda se encontram tediosas na medida em que é cumprido o planejamento, ano a ano, o que não amplia o repertório cultural das crianças. Isso lhes traz angústias, não conversam com os alunos e não sabem os interesses que expressam querer conhecer, pois se tivessem o interesse pelos interesses dos alunos, o seu planejar encontraria com mais facilidade a compreensão de quem eles são e seu trabalho seria mais dinâmico e reflexivo. Portanto, ainda temos práticas do planejamento em que as crianças são consideradas como “máquinas” e não como grupo em

crescimento favorável, ou seja, as atividades previstas estão planejadas de acordo com o tempo e não com o desenvolvimento e a aprendizagens das crianças.

3.4 O que pensam sobre a flexibilidade?

Em relação à flexibilidade em seu ato de planejar, a professora Ana Alice relata que o planejamento é um instrumento de reflexão acerca das ações da prática pedagógica e totalmente flexível. Da mesma forma, Corsino (2009, p. 119) afirma que “planejamento é o lugar de reflexão do professor, que, a partir de suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos, sequências de atividades, organiza o tempo e o espaço seleciona e disponibiliza a flexibilidade de planejar com coerência”.

De acordo com essa afirmação é possível entender que a flexibilidade está entrelaçada no planejamento do professor, que precisa fazer com que o planejamento esteja aberto aos acontecimentos e não fechado em atividades que não tenham sentido, tornando-se vago, vazio, sem a fala e sem ampliação no que resultaria das possibilidades de socializações e na busca da criatividade das crianças. É preciso dar abertura para o ramo de outras pesquisas para conhecer o mundo que ainda se encontra desconhecido.

Ainda para Ana Alice, o planejamento tem que ser flexível. O professor deve estar sempre atento à turma e unir os acontecimentos do dia com o que havia planejado. Ela afirma que uma aula executada pela vontade do professor, sem considerar sua turma, é uma aula fadada ao fracasso.

Penso que essa flexibilidade é umas das possibilidades dos alunos colocarem o que pensam, o que querem conhecer, o que já conhecem; essa é a abertura que o professor tem que proporcionar para que o seu planejamento seja reflexível e tenha a precisão de flexionar o que precisa encaminhar aos alunos. O professor que tenha um olhar autoritário está fazendo com que o mundo infantil seja castrado. Nessa perspectiva, Freire (2008, p.192) afirma que “a autoridade é castradora porque não está situada no espaço de liberdade, está estagnada, para o processo de pensar, e a única intervenção que se faça é mais para o aluno calar a boca do que para fazê-lo pensar”. Esse

é o professor que executa a aula voltada para a sua vontade e não para a vontade dos alunos.

A professora Paula explica que não sabe o que é flexionar o planejamento com o interesse que é gerado em sala. Ela diz que, quando há alguma necessidade do grupo, ela julga se vale a pena colocar para o grupo. Segundo a perspectiva desse dado, fica claro que Paula não tem o interesse dos alunos como foco para construir o seu planejamento. Pelo contrário, pois quando questionada sobre o que faz no momento em que seu planejamento não dá certo, defende-se, dizendo que isso não acontece, pois eles são sempre executados, cumprindo sua obrigação.

O espírito de educar não está nas folhas fixadas com os desenhos prontos e em datas comemorativas, mas da sensibilidade de notar que o pequeno está querendo descobrir o outro ao lado, de que numa pequena sala está a riqueza das grandes articulações. Porém, algumas educadoras têm as chaves das hipóteses do que precisam ensinar, mas algumas não sabem usá-las e nem sabem para que servem. Acabam perdendo a chance de fazer com os alunos sejam correspondidos nas manifestações do que desejam aprender. Penso que, talvez, o que lhes falta é um pouco mais sobre o conhecimento do processo de desenvolvimento infantil e de suas características, de acordo com as faixas etárias.

Deste modo, o planejar vai em direção ao que o professor quer chegar, em ter um embasamento teórico maior para fundamentar as atividades e essa é a grande necessidade de um planejamento coerente que deveria ter as existências do dialogar entre o educador e educando para um processo reflexivo. Como nos diz o professor José Fusari, s.d/, “o planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude que envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico”.

O que pretendo demonstrar com essa pesquisa é como o professor está revendo a sua prática através do seu planejamento, se está exercendo-a por questões de cumprir as obrigações, se está tendo falta de interesse de ensinar o mundo de uma forma articulada ao interesse dos alunos, se está seguindo corretamente a forma de planejar com o ritmo dos interesses gerados em sala, na flexibilidade de planejar de forma prazerosa, no embarque para uma grande

viagem para mostrar e conhecer o mundo que ainda se encontra escondido do mundo infantil. Porém, o ato de planejar busca o olhar atento a realidade, o que está faltando. Freire (2008, p.170) aponta que “o planejamento nasce na avaliação, durante a avaliação que percebemos que estamos sendo capazes de prever possíveis erros, possíveis hipóteses falsas”, pois é nesse momento que amarramos o vivido e replanejamos o futuro.

A diferença dessas duas educadoras deixa clara a transparência necessária para rever que caminhos o professor precisa fazer. Que o próprio professor ao se examinar possa ter essa coerência de analisar a sua prática e se perguntar: será que estou no processo de conhecimento ou estou na estática fábrica de modelar?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como fundamentação estudos que apresentam o planejamento de forma prazerosa, com o objetivo de fazer o leitor comparar suas próprias ações com as ações das duas professoras pesquisadas. Da mesma forma, busquei demonstrar que o saber construído acerca do caminhar junto aos seus educandos é fundamental para que repensem e façam mudanças devidas em suas práticas, pois sem planejar com flexibilidade não há como conduzi-los para o conhecimento favorável à construção em grupo. Portanto, esta pesquisa pretende deixar claro que os professores da educação infantil, através de seus processos de aprendizagem com as crianças, demonstram como são pesquisadores de ações e improvisações para tecer o planejamento junto aos alunos, os quais sempre manifestam curiosidades de aprender.

Vejo que preciso deixar claro o ponto que me toca e que me sensibiliza sobre o planejamento sem produtividade, que foca apenas no cumprimento do tempo que se passa na instituição, sem intencionalidade ou flexibilidade de ensinar. Como fundamentação também apresentei o que faço em minha sala de aula e como podemos pensar em trabalhar para uma educação melhor.

Defendo a questão do planejamento na ação com flexibilidade e com o interesse gerado em sala, não somente partindo do professor, mas também dos alunos. Para ser compreendido na ação de prever, fazer, registrar e avaliar, o professor deve seguir planejando e replanejando, de acordo com o movimento, os desejos e as necessidades do grupo.

É esse olhar que essa pesquisa quer demonstrar: que os caminhos que escolhemos ao fazer um planejamento refletem a nossa forma de ensinar. Portanto, o professor que considera o interesse do aluno e flexibiliza seu planejamento é aquele que também elabora o planejamento, organiza, sistematiza, prevê e toma decisões sobre como desenvolver o planejamento na hora em que ele acontece (na ação).

Planejar as várias possibilidades de trabalho é, além disso, interagir com ele à medida que interage com as crianças. Ao planejar, o educador reflete sobre o seu modo de fazer, avaliar o que fez e o que as crianças realizaram,

antes de decidir o que fará em seguida, nos vários momentos do dia, em um processo de idas e vindas, em constantes observações e reflexões sobre o processo daquilo que planejou. Dessa forma, o professor oportunizará o aprendizado das crianças, na mesma medida em que aprimora a sua prática.

Esta pesquisa, portanto, trouxe a importância da função de planejar, com flexibilidade e o interesse das crianças em foco. Espero que os leitores, que venham a mergulhar nesse processo, tenham a certeza de que seu planejamento não será mais o mesmo, pois algo se transformará na sua visão para o de ensinar, o que dará um destino não “imaginado”, mas “real” para a prática escolar de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Áries, 1999.

CORSINO, Patrícia. Considerações sobre o planejamento na educação infantil. In: **Educação infantil: cotidiano e políticas**. CORSINO, Patrícia (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Educador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FUSARI, José. **O planejamento do trabalho pedagógico**. São Paulo: Associados, 1990.

HERNANDEZ, Fernando. **Mudanças educativas e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed sinopse, 2000.

MACHADO, Maria Lúcia. **Educação infantil e currículo de projeto educacional**. Porto Alegre: Brasil, 1997.

MATEIRO, Teresa; TÊO, Marcelo. Os relatórios de estágio dos alunos de música como instrumento de análise dos processos de planejamento. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 9, 89-95, set. 2003.

PERRENOUD. **Dez competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed sinopse, 2000.